

DEVIR NA ESCOLA: QUANDO O COTIDIANO NOS MOSTRA POSSIBILIDADES DE (DES)ENCAIXES DO TEMPO

*Luciana Pacheco Marques**

*Alan Willian de Jesus***

Resumo

Neste texto, refletimos sobre o tempo que nos passa, sobre as histórias que se fizeram no tempo sobre o tempo, mas que ainda estão presas no tempo. A cegueira idealizadora, racionalista e normalizável da Modernidade tornou-se evidentemente fator de modulações do sujeito e do tempo, longe de abordar o contexto e a complexidade do mundo atual. Assim, entendemos que o sujeito e o tempo são produtos e produtores de uma relação dialógica do *devir* da escola. A escola na atualidade é engendrada pela diversidade e unidade do tempo, mesmo em meio à suposta contrariedade posta entre o mecanicismo e a desordem.

Palavras-chave: Tempo. Escola. Modernidade. Atualidade.

Abstract

In this paper, we reflect on the time we pass on the stories that have been made on time over time, but still stuck in time. Blindness idealized, rationalistic and normalizable Modernity became evidently factor modulations of subject and time away from addressing the context and complexity of the world now. Thus, we believe that the subject and time are products and producers of a dialogical relationship of becoming the school. The school

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). *E-mail:* luciana.marques@uff.edu.br

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tutor do curso de Pedagogia, Licenciatura à Distância da Faculdade de Educação/UAB da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). *E-mail:* alan.faced@yahoo.com.br

in Actuality is engendered by the diversity and unity of time, even amidst the supposed opposition between mechanism and put disorder.

Keywords: Time. School. Modernity. Actuality.

Aquele que quer conhecer o seu tempo deve saber que não pode fugir ao seu tempo; só com essa condição poderá, relativizando o seu conhecimento, descentrar-se relativamente em relação ao seu tempo (MORIN 1994, p. 117).

Navegar é preciso; viver não é preciso (PESSOA, 2013).

Tempos na bolha da história

A vida tem uma história e a história tem uma vida. Nesse tempo, parecemos redundante dizer que o caminho do homem e da mulher é fluido e vivo, e que o mundo não é previsível, inflexível, determinado; mas e se porventura disséssemos que este caminho *já não é mais* dotado apenas da concepção da pura ordem? Já não é mais!?!... Sim, *já não é mais*. Inculcaríamos talvez com tamanha pretensão de retórica; tal sentença, no entanto, sinalizaria a possibilidade de haver um ruído no silêncio da certeza. Poderíamos ser acometidos a pensar que outrora *algo* aconteceu; e, se aconteceu, o que impossibilita de ainda não estar acontecendo? Será que a história sempre se mostrou viva? Não seria essa sentença em outros tempos considerada um apólogo, ou um devaneio de um desertor a alguma ordem? Pela multiplicidade e a velocidade dos eventos no hoje, esses questionamentos beiram o absurdo, mas o caminho histórico do mundo nos mostra que existiram e que existem outras facetas que impulsionam a vida e o sujeito no tempo e porque não dizermos, formas de se conceber e controlar a vida através de um entendimento de um tempo congelado, apenas uno e preciso, instituído de maneira a suprimir o movimento da criação, encaixando o sujeito. Se esses intentos nos remetem que *algo diferente* está acontecendo, não somos impedidos a pensar que outrora também outro algo vem acontecendo pela história significando de alguma forma a vida presente. Assim, nada nos impediria de pensar que os acontecimentos retratados no e pelos tempos vêm

sendo registrados pela memória, entrelaçando-se com as mudanças históricas acometidas a cada instante; logo, a história possui uma vida que pode ou não nos possuir; entretanto, se a vida é mudança e possui uma história, ela pode ser mudada por nossas escolhas possuidoras e complexas, que buscam outros ângulos para observar os recortes da própria história, os recortes da própria vida e os recortes que fazemos do Outro e de nós mesmos; onde podemos nos deparar com novos recortes que antes não víamos; porém, à luz de outras historicidades construídas com outros acontecimentos, onde o “eu” ressignificado pode ser capaz de desencaixar os acontecimentos supostamente congelados e descongelar os registros históricos do tempo, pois o tempo é fluido.

Pelas histórias e pelas vidas, os sujeitos habitam e vêm sendo habitados pelo tempo, mesmo que determinados projetos universais tentem proclamar o contrário, promovendo doses de intencionalidades no mundo, nutrindo a lógica da materialidade sobre o espírito, a exacerbação da inteligência em detrimento do sentimento. Percebemos, nesses abalos, que a história age recursivamente sobre o tempo, e este tempo, ou melhor, os tempos vêm agindo recursivamente sobre os sujeitos. Contudo, será que o fato de percebermos que estamos nesta espiral do tempo – o qual entrevemos o ser histórico e vivo – significa necessariamente que percebemos que os tempos habitam fora de nós?

Conflitos, abalos, acasos, ordens, organizações e tensões vêm se forjando pela história, possibilitando ao homem ascender caminhos que lhe preencham a existência, ao anunciar outras formas de se ler e compreender o mundo e a si mesmo. Assim, a história viva no Ocidente vem nos apresentando movimentos de transição de períodos sob diversas influências das mais variadas áreas do conhecimento. Destacamos, sobretudo nestes manuscritos, um pouco da gênese do pensamento filosófico, que, de certa maneira, nasceu na Grécia antiga por volta do século VI a.C, e que vem se forjando em (des)encaixes vivos de compreensões sobre a história que se fazia presente sobre o tempo.

Conforme nos fala Marcondes (2010), houve na Grécia antiga contrapontos ao pensamento mítico que procuravam explicar a realidade por crenças e histórias alusivas, a fim de que houvesse uma explicação dos fenômenos do cotidiano. Percebemos que a relação da natureza era estreita no entendimento com o tempo, o qual era tratado, sobretudo, por *chronos*

e *kairos*. Nas entrelinhas do pensamento de Santos (2013), vemos que o primeiro referia-se à sucessão de eventos passíveis de medição; o segundo apresentava-se como a experimentação do momento, o vivido. Entretanto, essas concepções, devido à imanência na mitologia, caminharam em detrimento uma da outra, onde uma era o tempo do homem (*chronos*) e a outra pertencia a outra esfera, o tempo de Deus (*kairos*). Em contraponto, surge o pensamento filosófico-científico, com os chamados filósofos pré-socráticos que compreendiam a explicação causal pelo efeito ou caráter regressivo, isto é, “explicamos sempre uma coisa por outra e há assim a possibilidade de se ir buscando uma causa anterior, mais básica, até ao infinito” (MARCONDES, 2010, p. 25). Não estaria aqui, então, a ação da essência do tempo vivido habitando na sucessão? Se o *chronos* é pertencente ao humano, estaríamos nós fadados a um tempo materializado que acompanha apenas a lógica da sucessão dos eventos lineares, isto é, o tempo que pertence ao homem seria apenas a mudança da matéria biológica na relação direta com o efeito do tempo cronológico, onde estaríamos apenas à mercê de envelhecer e morrer, sendo o hoje um mero efeito do ontem congelado pelas nuances do passado e, conseqüentemente, a um futuro previsível?

Mais adiante na história, marcando e inaugurando outro período de discussões e perspectivas, os pensamentos dos sofistas trouxeram a ideia de que “as coisas são como nos parecem ser, como se mostram a nossa percepção sensorial, e não temos nenhum outro critério para decidir essa questão” (MARCONDES, 2010, p. 43). Não obstante, vemos no pensamento de Sócrates a não preocupação com a centrada formulação de doutrinas sobre a realidade natural vista com os filósofos pré-socráticos, mas, sobretudo, com o “método de análise conceitual ilustrado na célebre questão socrática: *o que é...?*” (MARCONDES, 2010, p. 46). Apesar de a ontologia posta em discussão, o real ainda estaria sendo composto por *realidades*, fazendo com que, por exemplo, o mundo concreto e o mundo sensível ainda estivessem em paralelo. Dessa forma, mesmo que alguma concepção filosófica tenha proposto uma intercessão a esta problemática e tivéssemos perguntado *o que é o tempo*, não estaríamos ainda presos ao problema do detrimento dos tempos?

Marcondes (2010) ainda aponta que, no império de Alexandre, o helénismo surge como uma tentativa de hegemonia militar, cultural e linguística da Grécia para o mundo; mas que, como característica, vemos uma elite que

vive no ócio, direcionando o seu tempo “essencialmente a um pensamento de escola, em que mais importante do que a originalidade do indivíduo é sua vinculação a uma determinada tradição, a uma corrente filosófica” (MARCONDES, 2010, p. 86). Percebemos, no entanto, que aqui suscitava um tempo que é visto pela janela, e que “lá fora” vagueiam as passadas sistematizadas, onde não marchar junto a elas significa o andar em descompasso com uma ordem; em outras palavras, caminhar no descompasso do tempo. Com o fracasso do helenismo (fundamentalmente pelo enfraquecimento da *pólis grega*) surge a filosofia medieval, onde se desenvolveu a escolástica, que vai desde o Renascimento e início do pensamento Moderno – séculos IV e V – ao final dos séculos XV e XVI (MARCONDES, 2010). Aqui, onde destacamos o pensamento de Santo Agostinho, apesar de se pensar no sentido de como se apreende o tempo, a nosso ver, a discussão se estabeleceu no entorno das sucessões de acontecimentos e no contorno dos limites de se vivê-lo, isto é, fez-se um paralelo e uma linha divisória do tempo entre o pertencente a Deus e o que pertence ao homem; conquanto, diluindo-se a questão existencial do tempo em si mesmo.

A crise também alcançou a escolástica, cujos anúncios do século XV já traziam o humanismo renascentista, que, por sua vez, prenunciava o período Moderno com suas novas teorias filosóficas e científicas (MARCONDES, 2010, p. 135). Característica extremamente marcante da Modernidade, esse período apresenta-nos em seu cerne o projeto que procurou dominar o mundo pela noção de que o homem é senhor de si e da natureza, cujas vozes ocidentais que estavam sufocadas pelas guilhotinas existenciais do teocentrismo proclamaram a libertação de alguns ideais históricos da Idade Média ao colocarem-se no centro do mundo.

Apesar de sermos constituídos por partes dessas jornadas de tensões, desafios e possibilidades pelo tempo, não poderia ser diferente, pelo passado mais recente, que pulsa em nós a raiz da Modernidade. Contraditórias em si, certa ciência e certa filosofia ditavam o impulso do progresso social, mas que simultaneamente fervilhava a apologia do “ideal humano”, onde se procurou ler o mundo à luz de uma visão de espaço e de tempo matematizados, a partir dos quais se entendia que poderia também ler a vida. A ideia de certeza e de ordem posta pelo insuflamento de um olhar matematizado de mundo procurou trazer e revelar um caminho seguro de se estar e seguir, onde, junto, procurou-se eliminar as incertezas. A história mostra esses acordes tanto na

filosofia com Descartes, quanto também na física com Newton. Aliás, nos bastidores da força sendo igual à massa multiplicada pela aceleração, não podemos fechar os olhos à lógica da ordem que o universo e a vida teriam de estar submetidos.

Alguns “verdadeiros newtonianos” se indignam e afirmam a universalidade do poder explicativo da gravitação. Mas é demasiado tarde. Doravante é newtoniano tudo o que trata de sistema de leis, de equilíbrio, tudo o que reativa os mitos da harmonia onde podem comunicar a ordem natural, a ordem moral, social e política. O sucesso newtoniano reúne desde então os mais diversos projetos. Certos filósofos românticos da natureza descobrem no mundo newtoniano um universo encantado, animado pelas forças mais diversas. Os físicos mais “ortodoxos” vêem nele um mundo mecânico e matematizável regido por uma força universal. Para os positivistas é o êxito de um procedimento (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 20).

Esses relâmpagos da história aquinhoando os lapsos dos tempos nos levam à reflexão de qual desses pais históricos temporais somos filhos e o que de fato representa essas “inaugurações de pensamento” que não se esqueceram de pensar o tempo. Ora, se, de um lado, a nossa natureza e cultura vêm sendo congeladas e descongeladas ao longo da história, encaixadas por posicionamentos de algumas mentes que, mesmo sendo poucas, ecoam seus ruídos ou silêncios políticos, éticos e filosóficos pelo tempo, os quais não podemos medir qual amplitude alcançarão, nem pelo impulso do instante presente nem pelo futuro próximo ou distante; por outro lado, a complexidade dos eventos do hoje nos mostram que as colheitas das ideologias semeadas são atravessadas pelos movimentos imprevisíveis, pelos fenômenos aleatórios, pelas incertezas, pela recursividade, pela indeterminação, isto é, pela não linearidade do tempo na rigidez da causa e do efeito. A realidade é tomada de *fantasias* e *acordes*¹; no entanto, é possível passar pelas travessias das

¹ Em meio à espuma da realidade paradoxal, as *fantasias* e os *acordes* podem tomar o homem, seduzindo-o e abraçando-o nos confins de sua mente, onde pode se comprazer ou não pelas suas escolhas. A fraqueza de *si* o coloca fixado em seu mais profundo centro, enraizando-se no antropocentrismo gerado pelo seu “Eu”, onde o tempo gerado por essa imagem, fantasiada ou acordada, pouco se distingue. Nesse limiar, o tempo engaja-se na

flechas ideológicas lançadas no tempo e desencaixarmo-nos da onda *status quo* na qual aparentemente nos percebemos no mundo.

A literatura, a filosofia, a poesia, a sociologia, a ciência... trouxeram o mito da felicidade na Modernidade; os disparos da produção em massa no século XIX; a relação paradoxal com a morte; a apologia do normal; a fragmentação do *ser* e do *saber*, mas, apesar de mutilarem e ainda destroçarem almas histórias pelo lado da razão que adoeceu, os mesmos campos da história apresentam-nos hoje uma outra literatura, uma outra filosofia e uma outra poesia; que pensa sobre a necessidade de uma “ciência mais humilde que religue o *ser* e o *saber*” (MORIN, 2007) e que roga por um diálogo entre a ciência e a filosofia, trazendo uma “nova aliança” (PRIGOGINE; STENGERS, 1997) que reconheça que o tempo se constitui numa bolha, indo, vindo e retroagindo sobre si mesmo.

Encontros e desencontros de concepções pela história até a Modernidade vêm nos formando, mostrando-nos que os estilhaços do tempo – apesar de reflexões divergentes – não compõem uma história e tempos justapostos, mas que se interpenetram. Mostram-nos que, ao invés de períodos demarcados por inaugurações de pensamento que discordavam em partes, algo permanece e borbulha na superfície de cada tempo presente, onde vamos compreendendo que a vida ultrapassa as nossas determinações. Vamos entendendo que homem e mulher não são meramente produtos do meio, mas produtos de seu ontem, na teia das ações, dos acasos, das interações, capazes de se autoeco-organizarem; o ontem já não é mais fixo. Passamos pelo tempo e o tempo passa por nós, estamos com ele, habita simultaneamente em nós e fora de nós. Ele já residia no planeta antes de nossa existência e continuará habitando-o após partirmos, expondo sua arte criadora da realidade contínua na vida que surge em cada ser vivo, passando assim também diante dos olhos do Outro, pelo Outro e com o Outro no *devir*.

eternidade fixa da imagem congelada; os espaços, apesar de não sofrerem com as barreiras, não distinguem o desejo dos limites de fixarem-se nesse sonho, com a lucidez de acordar e deslocar-se.

Passa o tempo? Que tempo passa?

O homem vem se (des)encaixando pela história. Uma história que se constitui por ordens e desordens. Morin (2008b, p. 115) salienta que, “diante de toda desordem, coloca-se inevitavelmente a questão: isso é aparência ou realidade?” Junto a essa provocação existencial, acrescentamos: Que tempo nos passa? Quantas histórias já se fizeram no tempo, sobre o tempo, mas que ainda estão presas no tempo. Vidas no tempo, histórias no tempo, tempo no tempo. Chegamos até a questionar se viver um outro tempo é possível, porém, por vezes, esquecemos de questionar simultaneamente se o tempo pode mudar nossa percepção e condição existencial humana. Seremos filhos do tempo? Se fossemos, então teríamos que aceitar que ele existe; mas parte de nós é estranheza, ingratidão e “prodigalidade temporal”. Por vezes, quando acordamos, olhamo-nos no espelho e nos sentimos demasiadamente irreconhecíveis e estranhos², será uma punição do tempo? Se for, então vou embora. Por vezes, acordamos e nos sentimos demasiadamente bem ao nos vermos, será um consolo do tempo? Se for, então eu fico. A história e o tempo esculpem sua arte no corpo e na alma, mas qual arte nos passa?

Vemos na atualidade³ os significativos progressos da ciência, frutos dos mais variados campos do conhecimento da Modernidade. Todavia, mesmo com os anúncios da relatividade, com Albert Einstein promovendo uma teoria física do espaço e do tempo, livre dos *a priori* metafísicos adotados por Galileu e Newton (KARAM *et al.*, 2006), ainda as implicações do tempo fundaram-se instintivamente nas relações fincadas na sucessão e na fragmentação do ontem, do hoje e do amanhã pelas relações que envolvem a vida cotidiana.

A história nos mostra que o cerne do projeto da Modernidade tentou conceber o homem de forma disjunta, considerando que nós, para desenvolvermos o intelecto, deveríamos desassociar a razão da emoção, pois somente dessa forma é que poderíamos explicar e compreender segundo a racionalização. Esses preceitos sob a tutela do pensamento cartesiano e newtoniano colaboraram para que a cultura ocidental se delineasse sobre as régias da fragmentação do *ser* e do *saber* e de uma *ciência mecânica*.

² Inspirado na história de “Gregório Samsa”, personagem da obra literária de Franz Kafka: *A metamorfose*.

³ Por atualidade, entendemos o momento atual de questionamento das grandes verdades acabadas que nos legaram.

O ocidente se arranjou e se desarranjou em meio ao paradigma simplificador formulado por Descartes, eclodido a partir do século XVII. O projeto de dominar o ocidente, impulsionado pela ideia de que o homem é senhor de si e da natureza (DESCARTES, 1979), levou Edgar Morin (2002, p. 26) a dizer que “o paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva de outro. Esta dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro”. A confiança no poder da razão, isto é, o racionalismo, delineou o homem no rumo de um período da libertação das crenças e superstições, onde ele procurava fundar-se em sua própria subjetividade e organizar-se não mais pelo que lhe era posto enquanto uma autoridade externa; seja política, religiosa ou eticamente. Dessa forma, as perspectivas desse período espalharam-se por diversas áreas do conhecimento, sobretudo inaugurando em partes uma outra possibilidade de pensamento que não fossem os postulados reguladores da visão de mundo da Idade Média.

Vemos que, no *Discurso do método*, apesar de situado num contexto histórico específico, Descartes (1979) defende que o universo em geral e todos os corpos materiais são como máquinas perfeitas submetidas a leis matemáticas imutáveis criadas por Deus, além dos princípios que procuraram assegurar um saber preciso pautado no princípio das certezas. Nesse sentido, podemos observar que o discurso de Descartes (1979) carrega em si a noção de certeza, de um caminho a ser seguido, passando-nos a necessidade de termos uma abordagem absoluta de si, do objeto e do mundo. Dessa forma, no que tange à construção do sujeito, tal pensamento delineia congelá-lo na lógica do sujeito acabável, que, não obstante, culmina no abismo entre o objeto a ser conhecido e o sujeito que conhece.

O princípio de redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Assim, aplica às complexidades vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Pode também cegar e conduzir a excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando, dessa forma, o elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece estritamente ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção (MORIN, 2002, p. 42).

Acontece que o princípio da Modernidade vem postergando o congelamento do racionalismo, pressionando cada tempo presente de período em período na lógica disjunta, convergindo com algumas de nossas permanências existenciais de como vemos o mundo. Ao separar a natureza da cultura, estabeleceu-se não só um limite nos procedimentos e nos objetos de análise, mas, acima de tudo, uma forma de se raciocinar e de se entender o mundo, ou melhor, o mundo da natureza de um lado e o social do outro.

É notável que esse modo de se pensar e de se promover a relação homem/natureza teve sua importância no desenvolvimento do conhecimento; em sua época e da maneira como foi desenvolvida, essa epistemologia contribuiu efetivamente para a afirmação do homem, sobretudo no que tange ao momento em que o homem rompia com a tradição teocêntrica da Igreja, instaurando o antropocentrismo como vetor cognitivo; o estatuto da ciência serviu de suporte para essa movimentação teórico-prática (MARQUES, 2001). Entretanto, conforme apontam Prigogine e Stengers (1997), seria talvez menos banal sublinhar a que ponto nossas ideias mudaram a propósito da natureza que descrevemos e do ideal que orienta nossas descrições.

A mesma via que instaurou a disjunção do *ser* e do *saber* com a pretensão de explicar tudo pelo saber científico encarcerou o tempo pela lógica da fragmentação e da sucessão, a fim de que a ordem e a certeza fossem estabelecidas em todas as instâncias. Ora, um sistema eficaz teria que controlar o comportamento humano em todos os seguimentos em qualquer parte, e, seguramente, reduzir ou eliminar a incerteza seria o projeto a ser apostado. Todavia, vemos nas considerações de Morin (2008b, p. 115) que eliminar as incertezas seria apagar o espírito humano, “pois toda certeza subjetiva se toma por realidade objetiva, a desordem é justamente o que faz surgir a incerteza no observador, e a incerteza tende a fazer com que o incerto se interrogue”. Eliminar a incerteza seria eliminar do próprio homem e da mulher sua expressão criadora e questionadora.

Longe de abordar o contexto e a complexidade do mundo atual, a cegueira idealizadora, racionalista e normalizável da Modernidade tornou-se evidentemente fator de modulações do sujeito e do tempo. Não obstante, damo-nos conta de que um problema-chave é o de se completar o pensamento que separa com um pensamento que une (MORIN, 2003). Neste interim, entendemos que o sujeito e o tempo são produtos e produtores de uma relação dialógica do *dever* da escola.

Trata-se de entender o pensamento que separa e que reduz, no lugar do pensamento que distingue e une. Não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese; é preciso conjugá-las (MORIN, 2002, p. 46).

É preciso tecê-las pelo princípio da complexidade.

O termo complexidade precisa ser entendido em seu sentido etimológico – isto é, do latim *complexus* – que significa “aquilo que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 44). Morin (2003) ainda nos elucida que o pensamento complexo é um pensamento que busca distinguir (mas não separar) ao mesmo tempo em que busca reunir, contextualizar, globalizar, reconhecer o singular, o individual, o concreto, tratando fundamentalmente da incerteza; que é capaz de conceber a organização. Compreende a tetralogia: ordem; desordem; interação e organização, na teia das incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios, em qualquer instância de qualquer sistema vivo. O pensamento complexo não é o contrário do pensamento simplificador, mas integra-o, pois, segundo Morin (2007), o próprio desenvolvimento da ciência física – que havia expulsado o humano do humano – que se consagrava o revelador da ordem impecável do mundo, fez com que a complexidade chegasse até nós. Portanto, o propósito do pensamento complexo é, ao mesmo tempo, o de reunir (contextualizar e globalizar) e o de ressaltar o desafio da incerteza.

Assim, a complexidade coincide com uma parte de incerteza, seja proveniente dos limites de nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos. Mas a complexidade não se reduz à incerteza, *é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados*. Ela diz respeito a sistemas semi-aleatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que os concernem. A complexidade está, pois, ligada a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima, ao contrário da ordem/desordem estatística, onde a ordem (pobre e estática) reina no nível das grandes populações e a desordem (pobre, porque pura indeterminação) reina no nível das unidades elementares (MORIN, 2007, p. 35).

Edgar Morin então propõe outro olhar, denunciando a visão unilateral que define o ser humano pela “racionalidade (*Homo sapiens*), pela técnica

(*Homo faber*), pelas atividades utilitárias (*Homo economicus*), pelas necessidades obrigatórias (*Homo prosaicus*). O ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas” (MORIN, 2002, p. 58). “O ser humano é um animal insuficiente, não apenas na razão, mas é também dotado de desrazão” (MORIN, 2008a, p. 7). É nesse entrelaçamento, é nesse caminhar pelo “e” e pelo “também” que vemos a necessidade de religarmos todos esses “Homos” e outros mais. Somos *Homo sapiens* e também *Homo demens*. Estamos *Homo sapiens sapiensdemens* (MORIN, 2002). Vivemos uma condição antagônica. Apesar disso,

Temos, entretanto necessidade de controlar o *homo demens* para exercer um pensamento racional, argumentado, crítico, complexo. Temos necessidade de inibir em nós o que o *demens* tem de homicida, malvado, imbecil. Temos necessidade de sabedoria, o que nos requer prudência, temperança, comedimento, desprendimento.

Prudência sim, mas isso não significa esterilizar nossas vidas, evitar riscos a qualquer custo? Temperança sim, mas será mesmo necessário evitar a experiência da “consumação” e do êxtase? Desprendimento sim, mas será mesmo necessário renunciar aos laços de amizade e amor?

O mundo em que vivemos talvez seja um mundo de aparências, a espuma de realidade mais profunda que escapa ao tempo, ao espaço [...]. Mas nosso mundo da separação, da dispersão, da finitude significa também o mundo da atração, do reencontro, da exaltação. [...] Não experimentá-lo é evitar o sofrimento, mas também não haverá o gozo (MORIN, 2008a, p. 8).

O uno e o múltiplo da constituição do sujeito se coadunam. O tempo é uno e múltiplo (MORIN, 2008b). Tempo e sujeito se tecem pela constituição não-linear e não-compartmentada, e o cerne da complexidade vem nos mostrando isso em seus operadores cognitivos. O operador dialógico propõe o entrelaçamento das coisas que aparentemente estão separadas, como a razão e a emoção, o real e o imaginário (MORIN, 2007). O operador recursivo (recursividade): a causa produz o efeito, que produz a causa; Morin (2007) nos traz como exemplo a nossa própria existência que é produto da união biológica entre um homem e uma mulher, e, ao mesmo tempo, seremos pro-

dutores de outras uniões; nesse sentido, somos recursivamente causa e efeito (MORIN, 2007). E o operador *hologramático* consiste em não desassociar a parte do todo, ou seja, a parte está contida no todo e vice-versa; assim, emerge-se a noção de *totalidade*, que é sempre aberta (MORIN, 2007a). Petraglia (2008, p. 58) complementa ao afirmar que “o todo não se reduz à mera soma dos elementos que constituem suas partes [...], pois cada parte apresenta sua especificidade e, em contato com as outras, modificam-se as partes e também o todo”.

Edgar Morin (2008b) pondera que somos remetidos à tetralogia e que qualquer unidade é guiada por uma tetralogia. Isso significa que fazemos parte da grande organização cósmica que nos une no agora, num tetragrama da desordem/interação/ordem/organização, contemplando as relações do passado que não é estático, pois aqui a ideia de ordem não é determinista e estável. O presente no pensamento complexo é banhado do cotidiano uno e múltiplo das influências (internas e externas) e sua interdependência, contemplando o movimento da desordem, que são desvios que aparecem em qualquer processo, alterando-os de forma inesperada; é a incerteza, classificada como “crucial para a evolução do universo” (MORIN, 2008b). Aqui, o futuro *já não é* mais previsível pela suposta certeza, equilíbrio e racionalização, pois a ordem que era tida como projeto matemático para se ler um sistema que antes colocava tudo ao redor da Terra, sendo ela o próprio centro e fazendo tudo girar ao seu redor, desabrocha agora na etapa de uma organização outra, onde o centro não é mais possível identificar.

O universo perdeu não apenas a sua ordem soberana, mas ele não tem mais centro. Einstein lhe retirou todo centro de referência privilegiado. Hubble lhe retirou todo centro astral ou galáctico. [...] Não há mais centro do mundo, que seja a terra, o sol, a galáxia, um grupo de galáxias. Não há mais um eixo não equivocado tempo, mas um duplo processo antagônico saído do mesmo e unívoco processo. O universo é então, ao mesmo tempo, policêntrico, acentrado, descentrado, disseminado, diasporizado (MORIN, 2008b, p. 109).

Dessa forma, vemos que a “organização é à disposição de relações entre componentes ou indivíduos, que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas ao nível dos componentes ou indivíduos”

(MORIN *apud* PETRAGLIA, 2008, p. 66-67). Assim, percebemos que o tempo e o sujeito nesse princípio complexo ganham um formato contínuo, simultaneamente fluido, onde cada reflexo dessas questões na escola também nos traz um *tsunami* de possibilidades para se repensar o presente de sua história. A recursividade nos possibilita vivificar o tempo.

Tempos na escola e a escola no tempo

O tempo vem afetando a nossa vida pela história e a história vem afetando o tempo pela vida. Hoje, os mitos nos acalentam sob a nova roupagem da felicidade pautada no consumo e conseqüentemente no individualismo. Os *chronos* são diversos, transpõem suas cronometragens para a forma de como se deve viver, com a objetividade na subjetividade frente ao mundo tecnológico. A tecnologia, por sua vez, é ambígua, ao mesmo tempo em que promove o rompimento das barreiras físicas que interferem na comunicação entre os sujeitos, trazendo um *kairos* adornado do hibridismo e da simultaneidade dos eventos.

A temporalidade nos afeta profundamente. E é justamente no e com o elemento da historicidade humana que trazemos a questão central destes manuscritos, que gira em torno de como as diferentes concepções de tempo vêm afetando o homem através da história e quais os possíveis reflexos dessas concepções na escola?

Mergulhados na/com a educação, percebemos que tais provocações sobre a história e o tempo não escapam à escola. A estreita relação do homem com o tempo pode nos dar indícios de como vivemos o hoje, mas não podemos perder de vista que o ontem é fluido, e certamente a escola não fica à mercê disso; e o que nos impulsiona pensar sobre tal contexto não é apenas a questão de analisarmos como se estabelece o tempo na escola, já que são bem evidentes as influências dos pormenores que fundamentam a Modernidade, mas pensar possibilidades outras como anúncios que esses tempos complexos já trazem pela mesma ciência e filosofia, que expulsou o humano do humano, e (re)pensarmos então o tempo na escola da atualidade, pensando a escola em seu *devir*.

Formas outras de tempos se interpenetram na história da escola. Permanecem. Desaparecem. Permanecem? Desaparecem? Não sabemos ao certo o que permanece e o que desaparece na história, mas tardiamente

alguns posicionamentos pedagógicos que somem pela fumaça do tempo costumam reaparecer como formas desesperadoras de resgates nostálgicos para fixarmo-nos em uma educação mais perene. No entanto, “aqueles que não conseguem recordar-se da experiência estão condenados a repeti-la” (SANTAYANA *apud* MORIN, 1994, p. 11).

Sujeito, tempo e escola se interpenetram; mas, ainda neste tempo, a escola pouco se pergunta sobre seu passado. O sujeito pouco se pergunta sobre seu passado. Pouco nos movemos rumo à autocrítica, mas, por vezes, nos fincamos no ontem; divagamos no alento da máquina perfeita cartesiana e newtoniana. Neste *fincamento* de raízes, o sujeito pouco se move, a escola pouco se move. Mover-se significaria pisar na areia movediça da incerteza. Dia após dia do ano letivo o sino toca, os alunos entram em *um* tempo.

Portões abertos. Aos poucos todos e todas vão chegando. Barulho. O sino toca, e os alunos e alunas se organizam em filas para ir para as salas de aula. Está definido o horário da merenda, do recreio para cada turma. Existe uma rotina já internalizada por todos e todas. Existe um conteúdo a ser ensinado num tempo determinado. As aulas são divididas entre disciplinas do núcleo comum e aulas especializadas. Tento relacionar os conteúdos para otimizar a aprendizagem dos meus alunos e alunas. Acabo dando mais ênfase ao aprendizado da leitura e da escrita. Hoje vejo muitos alunos e alunas saírem das escolas sem saber ler e escrever. As datas comemorativas como Páscoa, Dia das Mães, Festa Junina, Dia dos Pais, Dia da Pátria, Semana das Crianças, entre outras, modificam a rotina escolar. Lembrancinhas, ensaios de apresentações, passeios movimentam a escola. Escola é assim. Rotina estabelecida. Quebra da rotina. Dinamismo, flexibilidade. Por causa das reuniões pedagógicas, às terças-feiras, os alunos e alunas saem uma hora mais cedo. Neste dia, não tem recreio. A escola articula as demandas da Secretaria, do corpo administrativo, das professoras, das funcionárias, das famílias, dos alunos e alunas, da comunidade. Portões fechados. Silêncio. De um dia para o outro, tudo se repete. De um ano para o outro, tudo se repete.⁴

Na escola, a mudança, quando ocorrida apenas no âmbito da estrutura curricular, dar-se-á ainda no âmbito superficial da névoa do controle do

⁴ Crônica construída no Projeto temporalidades no/do cotidiano escolar, financiado pelo CNPq, 2011-2013, coordenação de Luciana Pacheco Marques, Professora da FAGED/PPG/UFJF.

sujeito fragmentado e reduzido ao que indicam os ponteiros do relógio; a mudança, quando ocorrida apenas no âmbito do sujeito, que, mesmo acordado, dormita enquanto navega no vago pensamento de uma realidade que pouco se move; no puro determinismo e na pura certeza. Congelamos as oportunidades de nos movermos. O pensamento que move reconstitui seu próprio passado e vivifica a intensidade de seu presente; eclode a sua fé centrada na condição humana, sustentada por uma ética complexa e ciente de que trazemos em si a singularidade emaranhada do próprio paradoxo, uma raiz aberta em si mesma que nos forma com o Outro na história e no tempo. Permeando a escola, Marques (2001) nos ajuda a refletir que a lógica linear de se conceber o tempo aplicada ao indivíduo funciona como um poderoso instrumento de controle e disciplina sobre ele. Cada homem é, pois, a vitalização do que foi por ele escrito ou a representação do que foi sobre ele escrito, ou seja, ele é o que a sua história diz que ele é. A vida presente é fadada ao passado de uma história congelada. Continuando no pensamento de Marques (2001), o presente no pensamento Moderno se constitui como uma emergência de um possível, o qual se articula por sua vez ao universal à humanidade; assim, percebemos que o tempo da escola configura-se em veículo de uma ação humana específica que se encurva ao fatalismo próprio da causa e do efeito linear inerente à própria concepção do tempo *chronos*. O passado é fixo e condenável, o presente do sujeito é fruto de seu ontem, e o futuro é um mero vir a ser do seu presente. “A concepção simplista acredita que o passado e o presente são conhecidos, que os fatores de evolução são conhecidos, que a causalidade é linear, e, por conseguinte, que o futuro pode ser predito” (MORIN, 2010, p. 11); eis uma possível escola que pensa o sujeito previsível pelo tempo que constituiu a subjetividade, encontrando-se fincada na objetividade de um tempo que verticaliza o conhecimento e o sujeito.

Viver na permanência do velho é querer viver nas certezas. Querer viver na permanência das certezas é querer viver na rotina. Não temos nada contra a rotina, temos sim críticas ao *fincamento* das raízes de uma rotina que adoce a criação. A vida coexiste com as certezas e as incertezas. A precisão do mecanicismo do relógio da Modernidade ao qual o sujeito e a escola vêm se apegando de forma que beira a insanidade pedagógica escapa pelas imprecisões da inquietude, tormenta, desequilíbrio, paixão, alegria e amor... Tentamos tornar preciso o que é impreciso: a vida. Assumir a criação

é também assumir nosso descomedimento. A revisitação do tempo de si e da história rompe com as fronteiras de uma consciência preestabelecida e um novo olhar por outro ângulo da história nos possibilita apresentar uma forma outra de viver um tempo que não seja o da justaposição entre inteligência e sentimento, sujeito e objeto, real e imaginário, matéria e alma, *chronos* e *kairos*, compreendendo que um processo pedagógico totalmente desordenado seria impossível, mas que, em contrapartida, uma aprendizagem totalmente ordenada pela rigidez de uma “pedagogia escolástica em pleno século XXI” sobre uma nova roupagem beiraria, na atualidade, à quase impossibilidade da inovação e da criação.

Entendemos que os tempos que permeiam a escola são uno e múltiplos, porque são múltiplos e uno os tempos que permeiam os sujeitos e a história; mas se foi possível a lógica temporal de a escola ser pautada na precisão mecanicista, acreditamos que é também possível a escola viver uma outra condição existencial em seu *devir* pedagógico, compreendendo-se em meio às incertezas do conhecimento e na flecha do tempo. Nesse ínterim, o que trazemos não é apenas colocar em voga a experimentação do tempo vivido proposto desde a antiga Grécia em detrimento de marcadores temporais, ou a ideia simplista de que as concepções de tempo precisam simplesmente se coadunar, uma vez que confiamos que isso já se faz por si só no e com o movimento do sujeito, como percebemos sutilmente na sentença de Edgar Morin em uma de suas conversas e escutas com Michel Cassé em *Filhos do céu*, apontando que:

O tempo e a história penetram na biologia. Além disso, como afirma François Jacob⁵, quando observo a divisão de uma célula, vejo toda uma história, [...]. Estamos em plena história, história essa que a física clássica havia expulsado inteiramente de seu domínio (CASSÉ; MORIN, 2008, p. 78).

A questão que vemos sobressair nesses tempos se refere à forma de como vemos, sentimos e agimos no mundo, afetando contundentemente a escola, o que nos incomoda. A lógica fria e sequencial determinista do ser e

⁵ François Jacob (1921-). Prêmio Nobel de Biologia de 1965, membro da Academia Francesa (N. Ts.).

do tempo faz emergir um abismo real entre o universo instável que se vive fora da escola e o universo que se procura cristalizar ou congelar através da organização escolar. Dessa forma, percebemos que o que prepondera são os formatos de uma natureza que se enxerga precisa, onde sua terra firme seria o equilíbrio de um conhecimento verticalizado e a manutenção de uma ordem do Outro pelo tempo, abarcando, nesse contexto, diversos interesses éticos, políticos, sociais e econômicos que se interpenetram na dança do tempo. Estabelecer a construção do conhecimento assemelha-se à precisão da navegação ou compreender que o conhecimento, por se fazer no/com o sujeito, traz os paradoxos inerentes à própria vida?

Ao trazermos a sentença de que a vida tem uma história e a história tem uma vida, fomos de encontro com a concepção Moderna da mecânica do determinismo, ao mesmo tempo em que nos encontramos com as evoluções instáveis da natureza, onde a vida pode surgir e se autoeco-organizar em meio à complexidade dos imprevistos.

No século XX herdamos duas grandes concepções do universo: uma refere-se às leis da natureza deterministas, atemporais, nas quais o futuro desempenhava o mesmo papel que o passado [...]. Por outro lado, também herdamos uma imagem evolutiva: inicialmente com Darwin, depois com a termodinâmica, com a ideia da entropia, a seta do tempo que aumenta indefinidamente. Contudo, já existia aí um contraste, porque Darwin nos falava de estruturas que nascem, de seres que se transformam (mesmo que ele não apontasse o mecanismo), que se tornam mais complexos, enquanto a termodinâmica parecia nos fornecer, simplesmente, um mundo que vai na direção do mais provável para o mais banal. E aí já se colocava a pergunta: como os dois podiam ter razão? (PRIGOGINE, 2003, p. 53).

A complexidade, em alguns de seus apontamentos cognitivos que nos auxiliam a refletir sobre o *devenir* na escola, nos mostra uma história viva por abarcar a desordem e a incerteza. Assim, pois, “o universo do equilíbrio, ou próximo do equilíbrio, é um universo estável, sem história, [...] e, longe do equilíbrio, o universo não é mais assim” (PRIGOGINE, 2003, p. 53).

Longe do equilíbrio, não existe mais potencial, energia potencial mínima, e as flutuações podem aumentar e tornarem-se gigantes. E essas flutu-

ações gigantes são as *estruturas dissipativas*⁶. O exemplo que sempre dou é a bola em oposição ao cristal. Um cristal é uma estrutura de equilíbrio: se não querem que ele caia e se quebre, é preciso deixar o cristal tranquilo; uma bola, não se pode deixá-la tranquila, ela vive apenas da troca com o mundo exterior, ela só existe porque está dentro do todo. Entretanto, ela é diferente do todo. A individualidade emerge do todo e, no entanto, ela é diferente do todo. Já temos aqui uma resposta para uma das interrogações: o que é o subjetivo? O subjetivo emerge do todo, ao mesmo tempo fazendo parte do todo. Então, evidentemente, essas estruturas fora de equilíbrio são muito numerosas. Toda a nossa biosfera é uma estrutura desse tipo. E todas essas estruturas possuem aspectos de instabilidade (PRIGOGINE, 2003, p. 54)

Prigogine (2003, p. 55) nos diz que, fora do equilíbrio, bilhões de correntes se formam, nas quais, apesar de se sucederem, as correntes assumem formas diferentes. O que nos afeta nesse sentido é que “há uma multiplicidade de formas, uma multiplicidade de estruturas que escapam ao determinismo, que são baseadas em probabilidades e que constituem o resultado do irreversível. O resultado da seta do tempo”. Dessa forma, a possibilidade real em trazermos essa percepção do tempo junto à construção de uma escola que revisita o seu que fazer a cada *acontecimento*⁷ nos intui a pensar que damos conta do movimento da vida quando percebemos o movimento do Outro, o qual acreditamos realizar-se pela história viva do tempo. Dessa forma, discutir o tempo fincado em um aspecto não seria limitar o *ser* na lógica da apologia em suas diversas facetas que permeiam o cotidiano?

⁶ Por essa pesquisa, Ilya Prigogine recebeu o prêmio Nobel de Química em 1977. (Cf. PRIGOGINE, 2002).

⁷ Conforme Morin (2008, p. 111), “este universo nascente nasce em *acontecimento* e se gera em cascatas de acontecimentos. O acontecimento, triplamente excomungado pela ciência clássica (pois ele era singular, aleatório e concreto ao mesmo tempo), entra pela porta de entrada cósmica, já que o mundo nasce em Acontecimento. Não é o nascimento que é acontecimento, é o Acontecimento que é nascimento, pois, concebido em seu sentido forte, ele é acidente, ruptura, ou seja, catástrofe... A partir daí, concebe-se que o devir cósmico é cascata de acontecimentos, acidentes, rupturas, morfogêneses. E este caráter repercute em todas as coisas organizadas, astro, ser vivo, que tem, em sua origem e seu fim, algo de factual. Além disso, dos subsolos da microfísica até as imensas abóbodas do cosmos, todo elemento pode nos parecer agora um acontecimento. Daí a necessidade do princípio de complexidade que, em vez de excluir o acontecimento, o inclui, e nos obriga a olhar os acontecimentos de nossa escala terrestre, viva e humana, os quais uma ciência antifactual nos impedia de enxergar”.

De fato, quase poderíamos dizer que o tempo é algo que exerce uma dupla função. Inicialmente, a seta do tempo é o elemento comum ao nosso universo. Cada um de nós envelhece do mesmo jeito; o Sol envelhece do mesmo jeito que qualquer outro astro ou corpo celeste. O tempo, a seta do tempo, talvez seja também o que caracteriza essa estranha bolha dentro da qual estamos e que evolui, e dentro da qual nós co-evoluímos com ela. Simultaneamente, o tempo diferencia as coisas; nesta sala temos uma atmosfera que está mais ou menos em equilíbrio, em desordem e, ao mesmo tempo, temos os seres vivos e belas flores que mantêm o não-equilíbrio, que são diferenciados, que possuem uma estrutura. Estamos na cidade do Rio de Janeiro, que possui uma estrutura que provém das interações com o mundo exterior. Então, na verdade, a seta do tempo é o elemento fundamental de unidade e de diversidade. Portanto, ela deve desempenhar um papel muito importante e acredito que, mesmo o universo, só podemos compreendê-lo através dessa seta do tempo, através, eu diria, das flutuações múltiplas que se produzem. Não há evolução em uma única dimensão; existem evoluções múltiplas (PRIGOGINE, 2003, p. 55).

Estudar o tempo em si mesmo é considerá-lo em seu caráter contínuo, sem uma sucessão de instantes, eis o dado da complexidade que possibilita compreender a recursividade do tempo e da história, dando a característica de contínuo, as sucessões de passado, presente, e futuro. Doravante, “O mundo, então, é visto como uma superposição de flutuações, da mesma forma que nossas culturas humanas são flutuações” (PRIGOGINE, 2003, p. 55). O tempo, nessa instância, se apresenta como matéria-prima criadora da realidade.

Ao entrelaçarmos essas reflexões da flecha do tempo no *devoir* da escola, não podemos deixar de apontar também, conforme Morin (2010), que, como o futuro nasce do presente, a dificuldade para pensá-lo deriva da dificuldade de se pensar o próprio presente. Assim, para Edgar Morin (2010), a evolução não obedece as leis nem aos determinismos e que, portanto, as inovações, as invenções e as criações do futuro, embora dependam de condições preexistentes, não podem ser concebidas antes do momento exato em que passam a existir. As inovações, as invenções e as criações, quando surgem, produzem transgressões que podem revolucionar a evolução, mudando tendências, gerando crises de paradigmas.

Assim sendo, o jogo do vir-a-ser é de uma prodigiosa complexidade. A história inova, deriva, desorganiza-se. [...] A evolução é deriva, transgressão, criação; é feita de rupturas, perturbações, crises. [...]. Além do mais, existem sucessões críticas, “crísicas” e incertas nas quais a história hesita, seja pelo influxo de forças contrárias que temporariamente se anulam entre si, seja em momentos de bifurcações onde se operam eleições, abrem-se sucessões, seja nas bifurcações que geralmente se apresentam nos prenúncios de um futuro aventureiro. A partir desse momento, basta uma fraquíssima inflexão inicial, qualquer pequeno deslocamento, uma eventualidade, uma decisão qualquer, para que todo o curso seja desviado (MORIN, 2010, p. 16-17).

A escola compreende seu *devir* em sua própria realidade, a mesma que expulsa o seu lado extraordinário da criação, da desordem e da incerteza. Colocar-se no centro das certezas é colocar-se no centro do mundo, isto é, de uma ordem teórica ptolomaica que ficou pelos confins da história, mas que ecoa ainda seu fluido na noção de sujeito e de tempo no mundo atual. Sair do próprio centro de referência exige uma compreensão do Outro e de como o tempo nos constitui, pois nesses tempos complexos que vivemos, os mais variados tempos nos constitui. A organização temporal coabita em nossa alma, transformando o tempo, mas, apesar de não criar o tempo em si pela pura subjetividade, o entendimento de um tempo outro passa por uma transformação complexa da autocrítica frente à unidade e à multiplicidade da história interior e exterior do sujeito, proporcionando que a condição humana retorne ao homem situado nas flutuações da bolha da história, do tempo, retornando à condição humana e consequentemente trazendo mais humildade na construção do conhecimento junto à escola.

A tradição era fazer do tempo irreversível uma abordagem, sem seta, do tempo eterno da física clássica. Porque a idéia era essa: Newton é definitivo, Schrödinger é definitivo, Einstein é definitivo. Eu não acredito que existam teorias definitivas. Toda teoria é fundamentada sobre idealizações, sobre modelos, e creio que não se pode pensar que o tempo e nossa organização sejam oriundos de abordagens, porque seria o mesmo que dizer que a vida seja proveniente de abordagens. Seríamos o resultado de nossos próprios erros, e isso é muito difícil

de imaginar. Seríamos os pais do tempo já que, evidentemente, somos os filhos da evolução (PRIGOGINE, 2003, p. 57-58).

O tempo é um e é múltiplo. Ele é contínuo e descontínuo, quer dizer, como vimos, factual, agitado por rupturas, sobressaltos, que rompem o seu fio e eventualmente recriam, em outros lugares, outros fios. Este tempo é, no seu mesmo movimento, o tempo das derivações e dispersões, o tempo das morfogêneses e dos desenvolvimentos (MORIN, 2008b, p. 113).

A escola na atualidade é engendrada pela diversidade e pela unidade do tempo, mesmo em meio à suposta contrariedade posta entre o mecanicismo e a desordem. Tecendo em conjunto, podemos trazer outra possibilidade que não seja a visão entre dois tempos que supostamente são disjuntos e se desconhecem.

Não é possível regressar à física simples, ao cosmos simples, à ordem simples. A aquisição da irreversibilidade é irreversível. A aquisição da complexidade é *insimplicável* (MORIN, 2008b, p. 113, grifo do autor).

Mas é justamente na dialogia do tempo que vemos simultaneamente *um* tempo. Tecer o *dever* na escola nessa instância nos conduz a um emaranhado de percepções, cujo entendimento da complexidade ainda ficará aquém de nossa visão se não nos libertarmos da concepção fragmentadora, que está arraigada tanto na parte, quanto no todo.

O grande tempo do *Dever* é sincrético (foi isto que ignoraram as grandes filosofias do *dever*, a começar pela maior de todas, a de Hegel). Mistura em si diversamente, nos seus fluxos e nos seus encadeamentos, estes diversos tempos, como ilhéus temporários de imobilização (cristalização, estabilização), turbilhões e ciclos de tempo reiterativos. A complexidade do tempo *real* resiste neste sincretismo rico. Todos estes tempos diversos estão presentes, agindo interferindo no ser vivo e, bem entendido, no homem: todo o ser vivo, todo o ser humano traz consigo o tempo do acontecimento/acidente/catástrofe (o nascimento e morte), o tempo da desintegração (a senilidade que, *via* morte, conduz

à decomposição), o tempo do desenvolvimento organizacional (a anogênese do indivíduo), o tempo da reiteração (a repetição quotidiana sazonal dos ciclos, ritmos e actividades), o tempo da estabilização (homeostasia). De modo refinado, o tempo catastrófico e o tempo da desintegração inscrevem-se no ciclo reiterativo, ordenado/organizado (os nascimentos e as mortes são constitutivos do ciclo de recomeço e de reprodução). E todos estes tempos inscrevem-se na hemorragia irreversível do cosmo (MORIN, 2008b, p. 86).

As vistas do *devir* na escola pela flecha do tempo e pelo tempo complexo, a escola considera a construção do instante e os estilhaços de possibilidades que o instante complexo e irreversível propicia. “Newton nos *Principia*: “O tempo absoluto, verdadeiro e matemático, em si mesmo e por sua própria natureza, decorre uniformemente sem relação a algo exterior e, com outro nome, é chamado de Duração, ‘Bergson, em *L’Évolution créatrice*’; O Universo dura” (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 15). Dessa forma, “assim, logo à partida, o novo universo faz surgir não só o tempo irreversível, mas também o tempo complexo” (MORIN, 2008b, p. 114).

Sabendo, assim, que a soma das partes pode ser mais como também menos que o todo, pois que cada parte possui as emergências em suas especificidades, vimos refletindo que a soma das concepções dos tempos ou simplesmente um suposto equilíbrio em suas convivências ainda manteria a lógica da previsibilidade pelo ensino vertical, sufocando o imprevisível e o extraordinário do humano, onde estaríamos ainda tecendo considerações de como apreendemos o tempo, isto é, nos limites da construção que não abarca as catástrofes das transgressões, da criação, das rupturas, das perturbações, das crises, ou seja, o tempo em si mesmo no âmbito ontológico. Contudo, vemos fundamentalmente a necessidade de remarmos contra a maré da rotina que adoeceu e deixou de lado o poético e o artístico da demência que exorta o extraordinário, que, na escola moderna foi e é confundido com o descompasso da disciplina; mas que, nesse *devir*, compreendemos que é justamente por tais vielas científicas e filosóficas da história, sobretudo da modernidade, que surgem outras possibilidades de se pensar o presente. Assim, pois, conforme Morin (2010), o passado contribui para a construção do presente, porém as experiências do presente também contribuem para o conhecimento do passado, transformando-o, uma vez que este é reconstruído

a partir do presente, de acordo com aquilo que é considerado, no presente, como histórico. “Assim, o passado adquire seu sentido a partir do olhar posterior que lhe dá o sentido da história” (MORIN, 2010, p. 12). Entretanto, Morin (2010) faz a ressalva de que, como o presente se modifica e surgem novas experiências a todo instante, o passado também será reconstruído ao mesmo tempo, e será dado um novo enfoque aos acontecimentos deste passado – a cada novo presente corresponderá um novo passado, como vemos na Revolução Francesa, a qual foi reescrita a partir da ótica de várias experiências ocorridas nos séculos XIX e XX: socialismo, bolchevismo, libertarismo etc. Por outro lado, afirma que, para se conhecer o presente, é necessário que se conheça o passado, esse mesmo passado que, para ser conhecido, depende do conhecimento do presente – “*o conhecimento do presente requer o conhecimento do passado que, por sua vez, requer o conhecimento do presente*” (MORIN, 2010, p. 13, grifo do autor).

Relembrando o pensamento de Marques (2001), como toda transição, a convivência do velho com o novo, ao mesmo tempo em que exige mudanças, gera insegurança naqueles que se veem diante da necessidade de substituir o conhecido e o seguro pelo desconhecido. “O tempo hoje reencontrado é também o tempo que não fala mais de solidão, mas sim da aliança do homem com a natureza que ele descreve” (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 15). Existiria a possibilidade de vivermos *um* tempo outro? Por ventura, viver na recursividade do tempo seria uma questão para um grupo seletivo de acadêmicos e pesquisadores que leem e escrevem sobre tais questões? Seria mesmo necessário escrever sobre uma pequena parte da história da filosofia simplesmente para dizermos a nós mesmos que a vida ultrapassa a própria determinação que impomos a ela? Depois de tudo isso, foi inevitável não pensarmos se seria preciso ser um intelectual para vivenciar todas essas coisas, partindo do pressuposto de que um número bem considerável de sujeitos não se preocupa nem com a *flecha do tempo*, muito menos com o *tempo complexo*, quicá em saber o que é o tempo. Foi inevitável não pensarmos sobre as escolas, aqui mesmo em nossa cidade, que possivelmente não refletem sobre o tempo, porque às vezes nem têm tempo para isso. Foi inevitável não pensarmos o porquê escrevemos sobre todas essas possibilidades outras de auto-organização com o tempo, se durante a própria escrita digladiávamos com o relógio minuto a minuto, porque tínhamos outras coisas para dar conta.

Pensamos a quem de fato ainda não refletiu e *talvez* nessa vida nem irá refletir ao menos sobre as inúmeras indagações levantadas no decorrer do texto. *Chronos? Kairos? Flecha do tempo? Mecanicismo? Irreversibilidade? Tempo complexo?* O que é isso? Podemos dizer que seja mais ou menos “formas” de se pensar e viver o tempo. Perguntamos isso a uma pequenina de aproximadamente 11 anos que conversávamos em uma tarde banhada por um belo pôr do sol. E ela respondeu justamente o cerne das questões: “*eu só vivo um tempo, ué!*” Talvez temos ainda algumas coisas a dizer ao mundo, mas certamente temos muito a ouvir desse mundo. Recomeçemos.

Referências

CASSÉ, M.; MORIN, E. *Filhos do céu: entre vazio, luz e matéria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Lisboa: Edições 70, 1979.

KARAM, R. A. S.; CRUZ, S. M. S. C. de S.; COIMBRA, D. Tempo relativístico no início do ensino médio. *Rev. Bras. Ensino Fís.* São Paulo, v. 28, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172006000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 ago. 2013.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARQUES, C. A. *A imagem da alteridade na mídia*. 2001. 248f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MORIN, E. *As grandes questões do nosso tempo*. 4. ed., Lisboa: Editorial Notícias, 1994.

_____. *Meus demônios*. 4. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *Amor, poesia, sabedoria*. 8. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008a.

_____. *O método I: A natureza da natureza*. 2. ed., Porto Alegre: Sulina, 2008b.

_____. *Para onde vai o mundo?* Tradução: Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2010.

PESSOA, F. *Navegar é preciso*. Disponível em: <<http://www.fpessoa.com.br/poesias.asp?Poesia=036>>. Acesso em: 09 ago. 2013.

PETRAGLIA, I. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. 10. ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

PRIGOGINE, I. *Do ser ao devir*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. O fim das certeza. In: MENDES, C.; LARRETA, E. (Org.). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 49-67.

_____; STENGERS, I. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Tradução de Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincheira. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

SANTOS, G. T. dos. Desconstruindo Sísifo: o tempo kairótipo da crônica. *Kaliopé*. São Paulo. v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliopé/article/view/3180>>. Acesso em: 04 ago. 2013.

Data de registro: 07/10/2013

Data de aceite: 22/01/2014